

HAICAIS TROPICAIS

[illegible]

Azevedo, Austen Amaro, Camila Jabur, Eunice Arruda, Fanny
Jr., Manoel de Barros, Marcelo Tápia, Mario Quintana, Paulo
vicino, Ricardo Silvestrin, Sérgio Milliet, Teruko Oda, Alberto
Austen Amaro, Camila Jabur, Eunice Arruda, Fanny Luiza Dupré
de Barros, Marcelo Tápia, Mario Quintana, Paulo Franchetti
rdo Silvestrin, Sérgio Milliet, Teruko Oda, Alberto Marsicano
ro, Camila Jabur, Eunice Arruda, Fanny Luiza Dupré, Gustavo
marcelo Tápia, Mario Quintana, Paulo Franchetti, Paulo Men
Sérgio Milliet, Teruko Oda, Alberto Marsicano, Alice Ruiz S
ur, Eunice Arruda, Alberto Marsicano, Alberto Corre
Mario Quintana, Paulo Franchetti, Paulo Mendes Campos, Primo
Teruko Oda, Fanny Luiza Dupré, Gustavo Alberto Correa Pinto, Jorge
tana, Paulo Franchetti, Paulo Mendes Campos, Primo Vieira
Oda, Alberto Marsicano, Alice Ruiz S, Alonso Alvarez, Aluísio
ny Luiza Dupré, Gustavo Alberto Correa Pinto, Jorge Fonseca
aulo Franchetti, Paulo Mendes Campos, Primo Vieira, Régis
berto Marsicano, Alice Ruiz S, Alonso Alvarez, Aluísio Azevedo
upré, Gustavo Alberto Correa Pinto, Jorge Fonseca Jr., Manoel
Paulo Mendes Campos, Primo Vieira, Régis Bonvicino, Ricardo
Alice Ruiz S, Alonso Alvarez, Aluísio Azevedo, Austen Amaro
o Alberto Correa Pinto, Jorge Fonseca Jr., Manoel de Barros
Mendes Campos, Primo Vieira, Régis Bonvicino
Marsicano, Alice Ruiz S, Alonso Alvarez, Aluísio
ny Luiza Dupré, Gustavo Alberto Correa Pinto
o Quintana, Paulo Franchetti, Paulo Mendes Campos, Primo
Teruko Oda, Alberto Marsicano, Alice Ruiz S, Alonso Alvarez
da, Fanny Luiza Dupré, Gustavo Alberto Correa Pinto, Jorge
tana, Paulo Franchetti, Paulo Mendes Campos, Primo Vieira
Oda, Alberto Marsicano, Alice Ruiz S, Alonso Alvarez, Aluísio
Luiza Dupré, Gustavo Alberto Correa Pinto, Jorge F



Copyright dos poemas © 2018 by Os autores
Copyright da introdução e das biobibliografias © 2018 by Rodolfo Witzig Guttilla

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa e projeto gráfico Retina 78

Preparação Silvia Massimini Felix

Revisão Ana Maria Barbosa e Thais Totino Richter

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Haicais tropicais / Rodolfo Witzig Guttilla (org.). —
1ª ed. — São Paulo : Boa Companhia, 2018.

Vários autores
ISBN 978-85-65771-16-0

1. Haicais – Coletâneas 2. Poesia brasileira 1. Guttilla,
Rodolfo Witzig.

18-18908 CDD-869.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia haikai : Literatura brasileira 869.1

Maria Paula C. Riyuzo – Bibliotecária – CRB-8/7639

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialettras

Sumário

7	INTRODUÇÃO
15	Alberto Marsicano
23	Alice Ruiz S
31	Alonso Alvarez
39	Aluísio Azevedo
45	Austen Amaro
53	Camila Jabur
61	Eunice Arruda
69	Fanny Luiza Dupré
77	Gustavo Alberto Correa Pinto
85	Jorge Fonseca Jr.
93	Manoel de Barros
101	Marcelo Tápia
107	Mario Quintana
115	Paulo Franchetti
123	Paulo Mendes Campos
127	Primo Vieira
135	Régis Bonvicino
141	Ricardo Silvestrin
149	Sérgio Milliet
155	Teruko Oda

163	Agradecimentos
165	Créditos
167	Sobre o organizador

INTRODUÇÃO

ANTECEDENTES

O *hokku* (depois *haiku* ou haicai, em sua forma abrigada), poema japonês de três versos que descende do *waka* — gênero poético surgido no século VII —, atingiu o apogeu no século XVII com Bashô (1644-94). Poeta e praticante do zen-budismo, Matsuô “Bashô” nasceu na província de Iga, numa família de samurais. Entre 1662 e 1666, estudou poesia sob orientação de Kitamura Kigin (1624-1705). Em 1672, mudou-se para Edo (a Tóquio atual), capital do império, para se aprimorar nas artes da pintura e da poesia.

Reconhecido em vida como um mestre inigualável, Bashô fundou sua própria escola (a Shômon) e teve diversos seguidores. Dentre os mais importantes destacam-se Enomoto (Takarai) Kikaku, Hattori Ransetu, Mukay Kiorai, Kagami Shikô, Naitô Jôsô, Sugiyama Sampû, Shida Yaha, Ochi Etsujin, Tachibana Hokushi e Morikawa Kyoroku. Esse grupo ficou conhecido como “haicai Jittetsu” (os dez mes-

tres do haikai). Além desses, vale ainda a menção a Nozawa Bonchô.

Em seguida a esse período virtuoso, Yosa Buson (1716-84), Kobayashi Issa (1763-1827) e Massaoka Shiki (1867-1902) se destacaram no *kadô* (ou “caminho da poesia”). Shiki, segundo a tradição, também se dedicou à pesquisa da intenção, da forma, do estilo e, de modo mais geral, da *poïesis* que anima o *haiku* (o leitor interessado pela poesia japonesa e sua história conta com uma extensa bibliografia nas línguas inglesa e francesa, e alguns poucos livros e artigos em espanhol e português).

O haikai foi introduzido no Brasil em 1906 por iniciativa de Monteiro Lobato, que pioneiramente traduziu e publicou seis poemas no jornal *O Minarete*. Em 1919, coube ao poeta e crítico Afrânio Peixoto estabelecer a primeira forma do haikai à brasileira: três versos, com cinco, sete e cinco sílabas, respectivamente, num total de dezessete sílabas métricas.

No ano emblemático de 1922, o haikai (então grafado *haikai*, ou *hai-kai*, por influência francesa) era não só praticado, como também discutido por poetas modernistas: o segundo número da revista *Klaxon: Mensário de Arte Moderna*, veículo do movimento, publicou o artigo “A poesia japonesa contemporânea”, assinado por Nico Hourigoutghi, ensaísta e poeta de refinados *tanka* (outra forma poética japonesa que tem forte ligação com o haikai). Ainda nos anos 1920, influenciado pelo ambiente inovador e criativo da época, o

poeta *gauche* Carlos Drummond de Andrade publicou seus primeiros haicais na revista de variedades *Para Todos*, em 27 de junho de 1925.

Modernista de primeira hora, Guilherme de Almeida divulgou o pequeno poema japonês nos anos 1940 e na década seguinte, por meio de artigos no jornal *O Estado de S. Paulo* e de poemas reunidos em *Poesia vária* (1947) e *O anjo de sal* (1951). Também redefiniu a forma abasileirada do haikai: três versos de dezessete sílabas métricas, o primeiro verso com cinco, o segundo com sete e o último novamente com cinco sílabas, a exemplo de Afrânio incorporando uma cadência de rimas nas últimas sílabas tônicas dos primeiro e terceiro versos, acompanhada por uma rima interna no segundo verso, resultando no seguinte arranjo:

____X
_O_____O
____X

Em sua época, Guilherme de Almeida inaugurou as primeiras trocas de informações sobre o *haiku* e o haikai entre os imigrantes japoneses, seus descendentes e poetas locais, estabelecendo um intercâmbio inédito de grande valor heurístico para as gerações seguintes.

Mais tarde, autores tão distintos como Manuel Bandeira, João Guimarães Rosa, Mario Quintana, Oldegar Vieira, Erico Verissimo e Haroldo de Campos criaram, traduziram e comentaram o pequeno poema. Nos anos 1960 e 1970,

radicalizando a dicção poética e a temática modernista, Milôr Fernandes popularizou o haikai no país, projetando-o em revistas de grande circulação nacional, como *O Cruzeiro* e *Veja*. Nas duas décadas seguintes, o haikai se consolidou como uma das mais populares formas poéticas em nosso país, como afirmou o poeta e crítico Carlos Felipe Moisés. Dentre os que colaboraram para esse êxito, destacam-se principalmente Alice Ruiz S, Olga Savary e Paulo Leminski, que atraíram e cultivaram novos leitores por meio de publicações exemplares. E, num diapasão mais próximo ao classicismo — tanto pela temática como pelo estilo —, se destacaram Eunice Arruda e Teruko Oda.

Ao longo do tempo, o poema assumiu múltiplos e surpreendentes contornos em nosso país (muito diferentes da norma tradicional do *haiku*, bem como das formas abasileiradas). Haikai mestiço e muito original, sempre em progresso.

HAICAIS TROPICAIS

A partir de meados dos anos 1980, dediquei-me a investigar a aclimação do haikai no Brasil. A pesquisa teve como ponto de partida fontes primárias (primeiras edições e coletâneas de autores brasileiros que produziram ou comentaram o poema) e secundárias, como resenhas e reportagens publicadas em jornais e revistas de circulação nacional e de nicho divulgadas ao longo dos anos. Em 1987, participei da

criação do Grêmio Haikai Ipê, na cidade de São Paulo, dedicado ao estudo do *haiku* e do haikai no Brasil. Foi um período de grande aprendizado.

Como resultado desse trabalho, a Companhia das Letras publicou, em 2009, a coletânea *Boa companhia: Haikai*, que reuniu mais de duzentos haicais exemplares de poetas, escritores, tradutores e críticos de grande expressão e de haicaístas (poetas que se dedicaram ao haikai) conhecidos por um restrito grupo de amantes da boa poesia e do diminuto poema. No total, 24 autores, parcialmente agrupados em outras coletâneas, ensaios e artigos que inspiraram este organizador, como: *O haikai no Brasil* (1988), de H. Masuda Goga; “Influência da poesia oriental na literatura luso-brasileira: O hai-kai” (1989), de Primo Vieira; *Haikai* (1990), de Paulo Franchetti, Elza Taeko Doi e Luiz Dantas; *100 haicaístas brasileiros* (1990), de Francisco Handa, H. Masuda Goga e Roberto Saito; e *Oku: Viajando com Bashô* (1995), de Carlos Verçosa.

Boa companhia: Haicais tropicais é um novo registro da presença do haikai em nosso país, publicado no ano em que celebramos os 110 anos da imigração japonesa para o Brasil. Neste volume, procurei elencar autores que flertaram com o poema ou o adotaram em sua melhor forma para expressar sua visão de mundo e sua prática poética. Poetas e poemas que fazem parte de meu repertório e que, de forma distinta, admiro e acompanho.

Ao longo dos anos, examinei fontes diversas, como o artigo “Algumas aproximações entre a literatura do Brasil e do Japão”, de Geraldo Pinto Rodrigues, que, durante anos, dirigiu a página “Semana Literária” do jornal *Folha da Manhã* — atual *Folha de S.Paulo*. Publicado em 1958, ano em que o Brasil celebrava o cinquentenário da imigração japonesa, o artigo revela as contribuições de poetas como Abel Pereira, Fanny Luiza Dupré, Guilherme de Almeida, Jorge Fonseca Jr. e Manuel Bandeira, dentre outros — alguns enfeixados aqui. Nessa nova jornada, decidi entrevistar poetas contemporâneos como Alonso Alvarez, Camila Jabur, Ricardo Silvestrin e Alice Ruiz S (com quem iniciei os contatos ainda nos anos 1990 e que, tendo em vista a qualidade de sua produção recente, foi incluída nesta nova antologia). Em minha investigação, topei ainda com tercetos e haicais publicados por Murilo Mendes e Paulo Mendes Campos.

Como não poderia deixar de ser, a seleção dos poemas, que mistura criações próprias a traduções de haicais clássicos — essas últimas grifadas em *itálico* —, se pautou pelos estados de espírito essenciais para a prática do haikai, como definidos por Reginald Horace Blyth (1898-1964) em sua tetralogia *Haiku*. São eles: abnegação, aceitação da solidão, desprendimento, ausência do ego, acolhimento da contradição, liberdade, simplicidade, ausência de moralidade, amor pelas coisas materiais e inanimadas, coragem e, por fim, humor, dentre os principais. Em linhas gerais, são estados de espírito presentes no zen-budismo e ausentes em nosso dia a dia — regido por valores materiais. O segredo da vida plena reside em buscar a justa medida e o equilíbrio, em

harmonia com o mistério tremendo e transitório de nossa experiência humana — também breve, como o haikai.

Nas páginas que seguem, apresentamos vinte poetas que, de forma única e múltipla, contribuíram para a popularização do haikai no Brasil. Haicais tropicais.

Rodolfo Witzig Guttilla

16 de julho de 2018

ALBERTO MARSICANO

Rua principal.
Carros imergem
na bruma.

Poema sem palavras
Harpa sem cordas
Portal sem portas

Freme frágil folha
fléxil flana flui
facho fléxil flutua

*fim de primavera
choram os pássaros
lacrimejam os peixes*

*mãos que plantam o arroz
são as mesmas que
outrora tingiam seda*

*até as chuvas de maio
— deixaram intocado
o reluzente templo*

*entre pulgas e piolhos
recostado no travesseiro
ouvia os cavalos mijarem*

*sol ardente
apesar do vento
de outono*

*caem folhas do salgueiro
desejaria varrer o jardim
antes de partir*

*nuvemovente céu
me impediu contemplar
a lua cheia de outono*

*mais melancólico
que a praia de Suma
o fim de outono*

*como as valvas do marisco
que se separam em maio
adeus, amigos, sigo através!*

ALBERTO MARSICANO

(São Paulo, SP, 31 jan. 1952 — São Paulo, SP, 18 ago. 2013)

Em sua oficina poética, Alberto Marsicano pesquisou, traduziu e compôs o haikai com apuro e perspicácia. Em 1988, publicou o livro *Haikai*, no qual verteu para o português, com a colaboração de Kensuke Tamai e Beatriz Shizuko Takenaga, poemas clássicos de Bashô, Busson, Issa, Jôshô, Kikaku e Shiki, dentre os mais conhecidos poetas da tradição nipônica. A edição foi ilustrada com delicados ideogramas pelo pincel de Kyoko Tosaka, praticante do *shodô* (ou “caminho da escritura”, técnica que elevou a caligrafia japonesa ao status de arte).

Na música, foi discípulo de Krishna Chakravarty e Ravi Shankar. Introdutor e virtuose do sitar (instrumento de corda hindu) em nosso país, Marsicano criou um magnífico ambiente sonoro para o CD *Galáxias*, com poemas do livro homônimo de Haroldo de Campos, em 1984. Na literatura, além do ofício propriamente poético, traduziu expoentes da poesia inglesa como William Blake, John Milton, Percy B. Shelley e William Wordsworth.

Em 6 de dezembro de 1986, o haikai que inaugura esta antologia foi reconhecido no 1 Encontro Brasileiro de Haikai. Os dois seguintes foram publicados na coletânea *100 haicaístas brasileiros*, no mesmo ano — sendo que o segundo denuncia sua forte ligação com o estilo de Pedro Xisto, exímio haicaísta de estirpe concretista.

Os demais poemas são fruto da mais brilhante contribuição de Marsicano para a aclimação do haikai no país: *Trilha estreita ao confim*, uma tradução do japonês, em parceria com Kimi Takenaka, de *Oku no Hosomichi*, o mais popular *haibun* (diário que reúne memórias, relatos de viagem e haicais) de Matsuó Bashô, publicada no Brasil em 1997.